

MPOX E AIDS: UM CASO DE SOCIALIDADE, SEXUALIDADES E CONHECIMENTOS HISTORICAMENTE ACUMULADOS

Raphael Vinicius de Almeida Escritório¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar como o surto de Mpox, ocorrido em 2022, foi inicialmente atrelado a homens homossexuais, bissexuais e homens com práticas homoeróticas, passando a impactar a sociabilidade e o cotidiano desse grupo. Esse movimento, que buscou associar a Mpox a sexualidades dissidentes, estabeleceu um diálogo direto com o início da epidemia de HIV e Aids, fazendo com que os velhos fantasmas do medo, do estigma e do preconceito ressurgissem. Neste trabalho, buscamos demonstrar, por meio de uma análise comparativa, como a Mpox estabelece um diálogo com a epidemia de Aids em sua fase mais aguda e mortal, nos anos 1980, e, posteriormente, como o retorno desses marcadores atingiu a sociabilidade desse grupo. Por fim, buscamos mostrar como, de uma maneira geral, a comunidade LGBTQIAPN+ reagiu a esse cenário, sobretudo com base no que chamamos aqui de conhecimentos historicamente acumulados.

Palavras-chave: Homossexualidades; Sociabilidades; Conhecimentos Historicamente Acumulados.

MPOX AND AIDS: A CASE OF SOCIALITY, SEXUALITY, AND HISTORICALLY ACCUMULATED KNOWLEDGE

Abstract: This article aims to analyze how the Mpox outbreak, which occurred in 2022, was initially linked to homosexual, bisexual men and men engaging in homoerotic practices, thereby impacting the sociability and daily life of this group. This movement, which sought to associate Mpox with dissident sexualities, established a direct dialogue with the beginning of the HIV and AIDS epidemic, bringing back the old ghosts of fear, stigma, and prejudice. In this work, we seek to demonstrate, through a comparative analysis, how Mpox establishes a dialogue with the AIDS epidemic in its most acute and deadly phase, in the 1980s, and subsequently, how the return of these markers affected the sociability of this group. Finally, we aim to show how, in a general sense, the LGBTQIAPN+ community reacted to this scenario, especially based on what we call here historically accumulated knowledge.

Keywords: Homosexualities; Sociabilities; Historically Accumulated Knowledge.

¹ Formado em História pela Universidade Federal de Catalão e mestrando pela Universidade Federal de São Paulo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7154644344971009>. E-mail: raphael.almeida.hist@gmail.com.

Introdução

No início dos anos 1980, uma nova doença foi identificada nos Estados Unidos. Um quadro clínico incomum, baseado em pneumonia, manchas na pele, febre e emagrecimento, foi notado inicialmente em cinco homens nos EUA. O ponto em comum entre eles era sua sexualidade: todos eram homossexuais. Em pouco tempo, novos casos começaram a acometer mais homens homossexuais, e logo casos semelhantes foram identificados entre usuários de drogas injetáveis, prostitutas e outros grupos vulneráveis e discriminados, sendo posteriormente identificados em outros países.

Após os casos iniciais, foi identificado, em 1983, o vírus tido como o responsável pela doença, sendo chamado de HIV. A partir disso, foi estabelecida a sua relação com o desenvolvimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida — a Aids². Com o avanço das pesquisas, estabeleceram-se com maior clareza o patógeno, as formas de contágio e o desenvolvimento clínico da doença. Contudo, baseando-se nos primeiros casos e nas populações com maior prevalência, os medos, estigmas e preconceitos construídos em torno da doença prevaleceram.

Por ser, no início, uma doença desconhecida, incurável, mortal e que se fazia presente nos corpos de homens homossexuais, as associações entre a sexualidade e a doença não tardaram a aparecer, sendo chamada inicialmente de “Peste Gay”, “Câncer gay” ou “Peste Rosa”. Assim, foi estabelecida, com a atuação de setores da classe médica, políticos, religiosos e mídia, uma relação direta entre a sexualidade e a doença, levando à patologização da homossexualidade e dos homossexuais.

² Neste artigo, utilizamos a grafia Aids, em caixa-baixa, estabelecendo um diálogo com DANIEL, Herbert. O primeiro AZT a gente nunca esquece. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. Aids, a terceira epidemia: ensaios e tentativas. 2. ed. Rio de Janeiro: Abia, 2018, p. 139-143. No texto, ele aponta a grafia em caixa-alta como um ato que atribuía à Aids sentidos que vão além da doença.

Com o avanço da doença, também foi atribuído um sentido de culpa e punição àqueles por ela atingidos³. Entretanto, não demorou para que surgissem diversos grupos que buscavam melhorar a qualidade de vida e recuperar a dignidade dos doentes, lutar por pesquisas e acesso a medicamentos, assim como pelo fim da discriminação dos doentes e dos homossexuais⁴.

No Brasil, o desenvolvimento de várias Organizações Não Governamentais (ONGs) e a participação de homossexuais, mulheres, hemofílicos, políticos e cientistas progressistas tiveram como fruto o desenvolvimento de um programa nacional para a luta contra a Aids, a distribuição de medicamentos gratuitos e a criação de programas de prevenção e movimentos contra a discriminação das pessoas que vivem com HIV ou Aids e dos homossexuais⁵, que, durante um longo período, foram enquadrados na fatídica denominação de “Grupos de Riscos”⁶.

A história e a experiência do combate à Aids no Brasil demonstraram a importância da atuação consciente e da mobilização conjunta dos diversos setores da sociedade em torno da luta contra a doença, buscando, de modo geral, a prevenção e o tratamento, aliados ao enfrentamento do estigma social e dos preconceitos. Décadas mais tarde, como o surgimento de um

³ NASCIMENTO, Dilene R.; GOUVÊA, George. O signo da culpa na história das doenças. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH-RJ, 12., 2006, Niterói. Anais [...]. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006 p. 1-7. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/encontros-regionais/encontros-anpuh-rio/xii-encontro-regional-de-historia-2006>. Acesso em: 28 mar. 2025; SONTAG, Susan. *Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁴ SANTOS, Gustavo Gomes C. Mobilizações homossexuais e Estado no Brasil: São Paulo (1978-2004). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, [s. l.], v. 22 n. 63, p. 121-173, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/w4bbmvGkgVFVN6QCR6TMsBL/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

⁵ CUETO, Marcos; LOPES, Gabriel. *Uma história global e brasileira da Aids 1986-2021*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2023.

⁶ BORTOLOZZI, Remom Matheus. *Entre trapos e colchas: vestígios da memória LGBTQIAPN+ sobre as primeiras respostas paulistanas à epidemia de HIV/Aids*. 2021. 362 f. Tese (Doutorado em Ciências). Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

novo desafio, a Mpox, a experiência da Aids se mostrou um importante aliado para as ações de saúde pública e a luta contra estigmas.

Em julho de 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS), na figura do seu diretor-geral, Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou que a varíola dos macacos⁷ passava a se configurar como uma Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional devido à confirmação de casos em países não endêmicos.

A Mpox é uma zoonose conhecida desde a década de 1950. Na década de 1970, foi diagnosticada pela primeira vez em humanos, tornando-se, posteriormente, uma doença endêmica em países da África Ocidental e Central que provocava surtos esporádicos, com uma baixa transmissão entre humanos, sendo a maioria dos casos confirmados a partir do contato com animais contaminados⁸. Casos fora dos países onde a doença é considerada endêmica eram registrados de modo esporádico, geralmente associados a viagens a países africanos⁹.

A Mpox é um vírus do gênero Orthopoxvirus, membro da família da varíola comum. O padrão de como a doença se manifesta em seres humanos teve variações observadas desde a década de 1970, sendo que, no surto de 2022¹⁰, os sintomas (que aparecem após a incubação do vírus, que varia de 7

⁷ Em novembro de 2022, após consultas com especialistas, a OMS passou a utilizar o termo "Mpox" para se referir à varíola dos macacos, recomendando a sua substituição a fim de evitar prejuízos aos animais, assim como a discriminação e o racismo que poderiam ser associados à doença.

⁸ KREUTZ, Luiz Carlos; REZENDE, Mariana Antunes; MATÉ, Yasmin Ampese. Varíola dos macacos (*Monkeypox virus - Poxviridae*): uma breve revisão. *ARS VETERINARIA*, Jaboticabal, v. 38, n. 3, p. 111-115, 2022. Disponível em: <https://www.arsveterinaria.org.br/index.php/ars/article/view/1477>. Acesso em abr. 2025.

⁹ KREUTZ, Luiz Carlos; REZENDE, Mariana Antunes; MATÉ, Yasmin Ampese. Varíola dos macacos (*Monkeypox virus - Poxviridae*): uma breve revisão. *ARS VETERINARIA*, Jaboticabal, v. 38, n. 3, p. 111-115, 2022. Disponível em: <https://www.arsveterinaria.org.br/index.php/ars/article/view/1477>. Acesso em abr. 2025.

¹⁰ PEREIRA, Victória Santos M. et al. Varíola dos macacos: uma visão geral da doença reemergente no contexto atual. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 8, n. 10, p. 68071-68081, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/53256/39601>. Acesso em: 11 abr. 2025.

a 14 dias) incluíam febre, dor de cabeça e muscular, linfadenopatia¹¹, cansaço e erupções cutâneas na face, nos membros superiores e na região genital e oral, aspecto sintomático que será abordado posteriormente neste artigo.

Após a declaração da Mpox como Emergência Internacional, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom, em uma coletiva de imprensa, realizou uma fala endereçada diretamente a homens gays, bissexuais e homens que fazem sexo com outros homens (HSH)¹², recomendando que, para o controle da doença e diminuição do risco de infecção, houvesse a redução de parceiros sexuais, a reconsideração de sexo com novos parceiros e que buscassem manter contato com parceiros após o sexo¹³. Adhanom explicou que sua fala se dava ao fato de que 98% dos casos registrados até então se concentravam entre gays, bissexuais masculinos e HSH, mas reiterou que qualquer pessoa poderia contrair o vírus e mencionou ainda que o estigma e a discriminação poderiam impactar de modo negativo o combate à doença.

Frente ao exposto, no presente texto, de caráter ensaístico, buscamos demonstrar como a construção de um discurso em torno da Aids retorna com

¹¹ Trata-se do aumento dos gânglios linfáticos.

¹² A categoria “Homens que fazem sexo com homens”, representada pela sigla HSH — ou MSM, na sua versão em inglês —, é tema de constante debate entre estudiosos, acadêmicos e ativistas do movimento LGBTQIAPN+. Por ser uma categoria que nasce no bojo dos debates epidemiológicos, é apontada como responsável por encobrir identidades e por atrelar esses sujeitos a doenças. Frente ao exposto, utilizamos neste artigo a sigla HSH quando assim as fontes utilizarem-se dela e a expressão “Homens com Práticas Homoeróticas” para se referir a homens que, embora tenham relações性uais e/ou afetivas com outros homens, não se identificam como gays ou bissexuais. Para uma discussão em torno da categoria HSH, ver: CALAZANS, Gabriela; FACCHINI, Regina, “Mas a categoria de exposição também tem que respeitar a identidade”: HSH, classificações e disputas na política de Aids. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(10):3913-3922, 2022; e PINHEIRO, Douglas Antônio R.; BAHIA, Alexandre Gustavo M. F. M. As recomendações em saúde pública como migrações: Varíola dos Macacos e populações LGBTQIA+. *Cad. Saúde Pública*, [s. l.], v. 39, n. 10, p. e00020623, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/MGDvhVxpJQgWGwdsD6BcbYH/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2025.

¹³ ROCHA, Lucas; MAGALHÃES, Thais. OMS aconselha redução de parceiros a gays e bissexuais como prevenção à varíola dos macacos. CNN, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/oms-aconselha-reducao-de-parceiros-a-gays-e-bissexuais-como-prevencao-a-variola-dos-macacos/>. Acesso em: 9 de abril de 2025.

alguns aspectos em torno do surto de Mpox, estabelecendo uma ligação entre doença e sexualidade. Ainda, procuramos evidenciar como esses discursos impactaram o cotidiano e o comportamento de homens gays, bissexuais e com práticas homoeróticas e analisar como esse grupo reagiu ao preconceito, ao estigma e aos impactos da doença na sua sociabilidade.

Para alcançar o objetivo proposto, tomamos como caminho metodológico a história comparada, aplicada à história das doenças. Nascimento¹⁴ aponta que a análise comparada, quando aplicada a fenômenos como as doenças, pode revelar os sentidos atribuídos à doença pela sociedade em consonância com o período histórico em que emergem. A análise comparativa também nos proporciona um caminho para pensarmos suas rupturas e permanências, desenvolvimentos e respostas da sociedade à enfermidade.

Entretanto, Nascimento¹⁵ também alerta para o fato de que, quando tomamos o caminho comparativo, devemos nos ater aos contextos históricos em que surgem as doenças, assim como buscar, nas bases de comparação, variantes concretas que possibilitem a aproximação entre as doenças analisadas.

Por fim, o presente texto se estrutura em duas partes. A primeira parte tem como ponto central apresentar o caminho metodológico utilizado para construir e justificar a aproximação entre as duas doenças. A segunda parte utiliza-se de dois conceitos centrais para o texto — a sociabilidade e os conhecimentos historicamente acumulados —, com a finalidade de demonstrar como as duas doenças impactaram a sociabilidade homossexual

¹⁴ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. Uma análise comparada no campo de História das Doenças. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais [...]. Londrina: [s. n.], 2005.

¹⁵ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. Uma análise comparada no campo de História das Doenças. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais [...]. Londrina: [s. n.], 2005.

e como os discursos da Aids são reabilitados no cenário da Mpox, levando a uma resposta das comunidades afetadas frente à violência que são expostas.

Aids e Mpox: aproximações e diálogos

A aproximação entre as duas doenças como objeto de estudo baseia-se no modo como tais doenças foram apresentadas e inseridas no meio social. Em ambas as doenças, conseguimos encontrar quatro características de construção social e da epidemiologia que permitem estabelecer uma aproximação entre si.

Tais características permitem um entrelaçamento que confere sentido à sua aproximação e comparação, sendo elas: o seu caráter de transmissibilidade, a sua ligação inicial com sexualidades dissidentes, a atuação da mídia sobre elas e as marcas visíveis que ambas trazem.

Com o objetivo de não cair no erro de tentar aproximar doenças que se deram em tempos distintos e assim flertar com possíveis anacronismos, buscamos nos ater à forma como ambas as doenças se desenvolveram e foram apresentadas na sociedade. Embora tenham ocorrido com um hiato de 40 anos entre si, a forma como se desenvolveram na sociedade, os discursos, os estigmas e as atitudes do poder público guardam semelhanças que permitem certas aproximações.

O aspecto da transmissibilidade das doenças se faz presente tanto na Aids quanto na Mpox. Na Aids, a definição das formas de transmissão, tendo o sexo — sobretudo o homossexual — ocupando um lugar central, fez com que a ideia de pecado, transgressão e castigo se desenvolvesse na concepção da doença¹⁶. O medo do contágio, acrescido do estigma de ser diagnosticado com uma doença que se torna sinônimo de

¹⁶ AMORIM, Graziela Regina de. Temer não humilha tanto como ser temido: controle e perseguição a “Gangue da AIDS”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. Anais [...]. São Leopoldo: [s. n.], 2007, p. 1-8; SONTAG, Susan. Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

homossexualidade, em um momento em que esta é tida como algo fortemente negativo, se faz presente na doença, e a ideia de transmissão reside no temor que encarna na pessoa diagnosticada com a doença.

A Mpox, por seu turno, se mostra também transmissível, e embora não seja considerada uma Infecção Sexualmente Transmissível¹⁷ (IST) propriamente dita, e ainda não esteja claro se a presença do vírus no sêmen é capaz de levar ao desenvolvimento da doença¹⁸, a prevalência da transmissão pela via sexual — sobretudo entre homossexuais, bissexuais e homens com práticas homoeróticas — reacende a patologização das sexualidades dissidentes¹⁹. O medo do contágio e as ideias de pecado e transgressão voltam ao presente, reabilitando o sentido de contágio na atualidade.

A transmissibilidade e a sua ideia de contágio se apresentam na história das doenças como potentes catalizadores de símbolos e sentidos. O medo da transmissão, a forma de transmissão — sobretudo pelo sexo, e em alguns momentos, pelo sexo homossexual — e a ideia de “contágio” se unem e atribuem sentidos às doenças:

Conceitos aparentemente objetivos, a transmissibilidade [...] revelam-se, na verdade, como formas de representação das doenças na medida em que acionam mecanismos de defesa contra os doentes,

¹⁷ CUNHA, Letícia de Queiroz. et al. Prevalência da via de transmissão sexual na doença Varíola dos Macacos. *Research, Society and Development*, [s. l.], v. 12, n. 4, p. 1-10, 2023. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/40993/33633/440206>. Acesso em: 9 abr. 2025.

¹⁸ PEREIRA, Victória Santos M. et al. Varíola dos macacos: uma visão geral da doença reemergente no contexto atual. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 8, n. 10, p. 68071-68081, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/53256/39601>. Acesso em: 11 abr. 2025.

¹⁹ LOPES, Pablo de Oliveira. HIV e AIDS, passado e presente: os gays como representação social da doença. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 50122-50134, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/30028/23651>. Acesso em: 1 out. 2025; ROCHA, Francisco. et al. Monkeypox e o retorno de um espectro: o campo da saúde em tempos sombrios. *Interface*, Botucatu, v. 26, p. e220417, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/fG8bQHxYYf7FSX5GXY8L5Hq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2025.

revelando valores, normas e princípios sociais que estigmatizam os indivíduos por elas acometidos²⁰.

Ambas as doenças também trazem em si o medo da morte. Nos anos 1980, a Aids passa a ser apresentada como uma sentença de morte — representação essa que será fortemente combatida pelos ativistas²¹ —, e a Mpox, embora tenha tratamento e apresente um horizonte de cura para a maioria dos doentes, passa, em seu caráter de transmissão, a aglutinar o signo da morte, em que o doente se torna não apenas um possível transmissor da doença, mas também da morte:

O estabelecimento desses dois traços distintivos pelo discurso científico, ao se difundir pelos canais de comunicação sob o manto de inúmeras versões, acaba por ser assumido socialmente nas mais diversas formas. A transmissibilidade e a incurabilidade, ao mesmo tempo em que demarcam os limites do conhecimento médico-científico, contribuem para a criação de uma experiência coletiva da doença marcada pela estigmatização do doente, pois este, como portador do agente infeccioso, passa metonimicamente a corporificar o próprio mal e consequentemente a morte²².

O medo e o discurso se unem no corpo doente e forjam uma representação do sujeito infectado como o mal em si — o mal que saiu dos pensamentos abstratos para viver entre nós, podendo, a qualquer momento, tocar, e assim transmitir, a doença para qualquer um de nós.

Entre o caráter que busca associar a sexualidade a determinadas doenças, é possível observar que não é apenas o sexo que estabelece a relação com a doença. As construções em torno da Aids mostram que o sexo heterossexual, tido como “normal” e limpo, estaria isento da Aids, em contraposição ao sexo antinatural, dissidente e sujo, praticado em lugares insalubres e escuros da “Sodoma gay” existentes nas grandes cidades.

²⁰ NASCIMENTO, Dilene R. *As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 170.

²¹ ANIEL, Herbert. *Vida antes da morte*. 3. ed. Rio de Janeiro: Abia, 2018; DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. *Aids, A terceira epidemia: Ensaios e tentativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Abia, 2018.

²² NASCIMENTO, Dilene R. *As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 174.

Essa diferenciação nos mostra como, independentemente de como a doença seja classificada (como IST²³ ou não), as pessoas com ela diagnosticada e/ou grupos que primeiro identificam — ou são por ela identificados — acabam por formar e ilustrar muito mais a recepção e a percepção de como a doença será vista do que classificações médicas.

Portanto, o caráter da sexualidade, a prática e a identidade se tornam os elementos em comum para a identificação da doença, ultrapassando classificações médicas, possíveis etiologias em comum ou suas características víróicas. A (homo)sexualidade configura-se aqui como o motivador da doença, criando uma relação que liga sexualidade, identidade e doença.

A patologização das sexualidades dissidentes insere-se dentro de um longo processo histórico, que ganha corpo com o olhar que a medicina lança sobre a sexualidade humana, colocando todos que diferem da norma — então heterossexual — no espectro da doença²⁴. Com a epidemia de Aids, a homossexualidade, que se debatia entre ser ou não uma doença — patológica ou mental —, passa a ser ela repatologizada, assumindo o caráter de doença em si²⁵.

Com a emergência da Mpox, ativistas, pesquisadores e cientistas alertaram que a associação da Mpox com uma sexualidade específica, incluindo recomendações realizadas por uma organização que tem grande influência e poder nos debates de saúde, prevenção e políticas públicas, poderia repatologizar as (homo)sexualidades em sentidos semelhantes ao que se viu na epidemia de Aids²⁶. A fala do diretor-geral da OMS, que

²³ Infecção Sexualmente Transmissível.

²⁴ QUINALHA, Renan. *Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

²⁵ QUINALHA, Renan. *Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

²⁶ PROCÓPIO, Mariana Ramalho; VIEIRA FILHO, Maurício João. Da aids à mpox: sentidos sobre homossexualidade em processos simbólicos estigmatizantes. *Revista Comunicação Midiática* Bauru, v. 17, n. 2, p. 57-72, 2022. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/539>. Acesso em: 13 abr. 2025; ROCHA, Francisco. et al. Monkeypox e o retorno de um espectro: o campo

conectou diretamente a Mpox e a homossexualidade, ilustra como a ideia de transmissibilidade e sexualidade está relacionado:

Frisar a comunidade específica de forma “particular”, como afirmado, é caminhar no sentido oposto da informação e apontar hipóteses incertas que contribuem para reiterar violências a sujeitos marginalizados pela heteronorma. A problemática da transmissão deve ser um dever institucional das organizações de modo a alertar todas as pessoas sobre sintomas, causas e tratamentos, e não delimitar a um grupo como foco usando por base a sexualidade²⁷.

Outro aspecto importante desta conexão entre a Aids e a Mpox, nos discursos e significados compartilhados na construção em torno das doenças, foi o papel da imprensa e da mídia na apresentação e comunicação de ambas às doenças.

Durante os anos 1980, com os primeiros casos e a incerteza que abarcava a doença, a imprensa se viu desnorteada²⁸, apresentando textos que buscavam desvendar a nova doença, sendo a maioria traduções de reportagens dos EUA. Frente aos primeiros casos, o fato da homossexualidade passa a ganhar destaque: “a mídia persistiu em vincular fortemente a Aids ao homossexualismo masculino, vínculo estampado no próprio título das notícias reproduzidas de periódicos estrangeiros ou não”²⁹.

da saúde em tempos sombrios. *Interface*, Botucatu, v. 26, p. e220417, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/fG8bQHxYYf7FSX5GXY8L5Hq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2025; PINHEIRO, Douglas Antônio R.; BAHIA, Alexandre Gustavo M. F. M. As recomendações em saúde pública como migrações: Varíola dos Macacos e populações LGBTQIA+. *Cad. Saúde Pública*, [s. l.], v. 39, n. 10, p. e00020623, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/MGDvhVxpJQgWGwdsD6BcbYH/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2025.

²⁷ PROCÓPIO, Mariana Ramalho; VIEIRA FILHO, Maurício João. Da aids à mpox: sentidos sobre homossexualidade em processos simbólicos estigmatizantes. *Revista Comunicação Midiática* Bauru, v. 17, n. 2, p. 57-72, 2022. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/539>. Acesso em: 13 abr. 2025. p. 65.

²⁸ BARATA, Germana Fernandes. A primeira década da Aids no Brasil: o Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992). 2006. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

²⁹ NASCIMENTO, Dilene R. As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 86.

Vitiello³⁰, em uma análise sobre como os homossexuais se organizaram na luta contra a Aids, aponta que a imprensa apresentou a doença não somente com o objetivo de informar, mas também buscando vender informações sobre a Aids, usando do sensacionalismo e de fatalismos para tal fim.

Com essa atuação, a imprensa escrita e a mídia construíram uma imagem do doente de Aids, criando um imaginário de como a doença fatalmente se desenvolveria naqueles que ela vitimava. A imagem construída do doente resumia-se a mostrar corpos fracos, extremamente magros, com manchas pelo corpo, acometidos por outras doenças e debilitados³¹. Embora, com a atuação dos movimentos de luta contra Aids e os avanços do movimento LGBTQIAPN+³², a abordagem da imprensa e da mídia tenha gradativamente mudado, a construção dos anos iniciais serviu para atuar no imaginário e nas representações da Aids e das pessoas que vivem com HIV.

Com a emergência do surto de Mpox, frente ao histórico da Aids, a abordagem da doença foi feita de modo mais cauteloso, com diversos setores da sociedade, como o movimento LGBTQIAPN+³³, pesquisadores³⁴ e

³⁰ VITIELLO, Gabriel Natal B. *A AIDS em cena: os primeiros protagonistas da maior epidemia no final do século XX*. 2009. 108 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.

³¹ BARATA, Germana Fernandes. *A primeira década da Aids no Brasil: o Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006; VITIELLO, Gabriel Natal B. *A AIDS em cena: os primeiros protagonistas da maior epidemia no final do século XX*. 2009. 108 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.

³² A sigla LGBTQIAPN+ diz respeito a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queers, Intersexo, Assexuados, Pansexuais e Não binário. O símbolo de “+” indica outras formas de expressão, identidades de gênero e sexualidade dissidentes.

³³ FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cad. AEL*, [s. I.], v.10, n. 18/19, p. 81-125, 2003.

³⁴ ‘CORREMOS o risco de repetir com a monkeypox o estigma da Aids’, alerta historiadora. Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://fiocruz.br/noticia/2022/08/corremos-o-risco-de-repetir-com-monkeypox-o-estigma-da-aids-alerta-historiadora>. Acesso em: 10 abr. 2025; PINHEIRO, Douglas Antônio R.; BAHIA, Alexandre Gustavo M. F. M. As recomendações em saúde pública como migrações: Varíola dos Macacos e populações LGBTQIA+. *Cad. Saúde Pública*, [s. I.], v.38, n. 1, p. 1-10, 2022.

agências internacionais, como o órgão da Organização das Nações Unidas para a Aids (UNAIDS)³⁵, emitindo alertas e recomendações de como abordar a doença, a fim de não incorrer a estigmas, preconceitos e sensacionalismos.

Contudo, a vinculação das imagens de pústulas, lesões, feridas e corpos acometidos pela Mpox não deixaram de circular. Exemplo disso é a reportagem do jornal Metrópoles³⁶, de setembro de 2024³⁷, com a manchete “Cidade de São Paulo Registra 35 novos casos de Mpox em uma semana”, seguida da imagem de um homem branco, sem camisa, que apresenta o corpo em um plano de fundo secundário, fora de foco, mas sendo possível observar o peito e o pescoço com manchas vermelhas e, em primeiro plano, as palmas das mãos abertas mostrando grandes lesões vermelhas.

Embora as lesões da Mpox sejam, na realidade, menores e com baixa prevalência nas palmas das mãos³⁸, a imagem vinculada à notícia busca remeter à ideia de marca, dor e de transmissibilidade da doença, reforçando estigmas. Isso fica evidente ao observarmos que a foto apresentada não é utilizada com a finalidade de promover a identificação ou reconhecimento de lesões, mas sim para ilustrar e transmitir o sentimento de dor e promover a diferenciação corporal causada pela doença.

I.], v. 39, n. 10, p. e00020623, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/MGDvhVxpJQgWGwdsD6BcbYH/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2025; ROCHA, Francisco. et al. Monkeypox e o retorno de um espectro: o campo da saúde em tempos sombrios. *Interface*, Botucatu, v. 26, p. e220417, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/fG8bQHxYYfFSX5GXY8L5Hq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2025 COC/FIOCRUZ.

³⁵ UNAIDS alerta sobre linguagem estigmatizante relacionada à Mpox. UNAIDS, 2022. Disponível em: https://unaids.org.br/2022/05/comunicado-a-imprensa_variola_dos_macacos/. Acesso em: 10 abr. 2025.

³⁶ SALES, Bruna. Cidade de São Paulo registra 35 novos casos de mpox em uma semana. Metrópoles, 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/sao-paulo-novos-casos-mpox-uma-semana>. Acesso em: 11 abr. 2025.

³⁷ O surto de Mpox ocorreu em 2022, atingindo em 2022, a sua fase mais aguda. Contudo, os casos da doença continuaram a ocorrer em menor escala.

³⁸ De acordo com o Boletim Mpox da Prefeitura da cidade de São Paulo, em apenas 13.7% dos casos houve registros de lesões nas palmas das mãos. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/documents/d/saude/boletim-mpox-17_04_25-pdf. Acesso em: 11 abr. 2025.

Um aspecto que merece especial atenção é que, além do estigma visual associado às marcas visíveis da doença — que, por si só, já podem provocar medo e reforçar a ideia de contágio —, observou-se a recorrência de lesões localizadas nas regiões anal e genital, além de dor no ânus e inchaço no pênis³⁹. Tais sintomas, tidos como incomuns entre os sintomas clássicos da doença, despertaram a atenção médica.

Entretanto, a divulgação desses sintomas pela imprensa necessita de atenção. O fato de que, no momento do surto de 2022, a maioria de casos tenha sido identificada em sujeitos com sexualidades dissidentes contribuiu para a construção de uma narrativa potencialmente estigmatizante.

Ao estabelecer uma associação entre os novos sintomas e a sexualidade, temos a reintrodução, no debate da saúde pública, dos espectros do medo, da culpa, da transgressão e da suposta poluição dos corpos. Assim, observa-se a reintegração dos estigmas históricos relacionados à Aids no cenário da Mpox⁴⁰.

A doença entre nós: Impactos nas sociabilidades

A sociabilidade passou a configurar nos trabalhos e pesquisas históricas, sobretudo a partir dos anos 1960, com os estudos de Maurice Agulhon⁴¹. Em seus trabalhos, o autor reconstrói o percurso que a categoria de sociabilidade percorreu antes de ser pensada pela história. Sua trajetória vai da psicologia, filosofia, sociologia e, finalmente, chega à história. Para o autor, parte de sua inserção na história se dá quando a categoria passa a ser considerada em

³⁹ KREUTZ, Luiz Carlos; REZENDE, Mariana Antunes; MATEÍ, Yasmin Ampese. Varíola dos macacos (Monkeypox virus - Poxviridae): uma breve revisão. *ARS VETERINARIA*, Jaboticabal, v. 38, n. 3, p. 111-115, 2022. Disponível em: <https://www.arsveterinaria.org.br/index.php/ars/article/view/1477>. Acesso em abr. 2025.

⁴⁰ Apesar do estigma, dos medos em torno do contágio e da culpa não serem exclusivos da epidemia de Aids, já existindo tais discursos e metáforas em casos pretéritos de epidemias e surtos, com a Aids, a ideia de culpa e de contágio ganha novos contornos, adicionando ao rol de estigmas o elemento da sexualidade e do sexo.

⁴¹ AGULHON, Maurice. ¿Es la sociabilidad um objeto histórico? In: AGULHON, Maurice. *Política, imágenes, sociabilidades: de 1789 a 1989*. Zaragoza: Prensa de la Universidad de Zaragoza, 2016.

função do tempo e do espaço, para além de outros marcadores já inseridos pela sociologia, como idade, raça, gênero e posição social.

Em suas pesquisas, Agulhon⁴² aponta que a sociabilidade, ao se tornar uma categoria histórica, é capaz de levar a importantes análises, demonstrando que o seu caráter poliedral deve ser considerado dentro de balizas claramente estabelecidas, como recorte geográfico, cronológico e temático, a fim de evitar perder o horizonte da ideia de sociabilidade contida na análise e cair em interpretações reducionistas sobre costumes ou situações tradicionais.

A sociabilidade, neste trabalho, deve ser entendida como um conceito que abarca a interação, com diversos fins, entre sujeitos que dialogam e se relacionam a partir de um ou mais motivadores em comum. No caso do presente artigo, a sociabilidade homossexual e homoerótica deve ser considerada em forte diálogo com os elementos da sexualidade, das identidades e das práticas sexuais, levando a um fluxo de interações entre essas pessoas⁴³.

Partindo desses apontamentos, direcionamos nossa atenção particular ao desenvolvimento do surto de Mpox na cidade de São Paulo. Nossa motivação reside no fato de que, na capital paulista, existe a presença marcante de uma cultura e locais de sociabilidade homossexuais e homoeróticos, como bares, saunas, baladas e festas de sexo, que são privilegiados neste trabalho⁴⁴. Outro ponto que nos leva a esse foco se deve

⁴² AGULHON, Maurice. ¿Es la sociabilidad um objeto histórico? In: AGULHON, Maurice. *Política, imágenes, sociabilidades: de 1789 a 1989*. Zaragoza: Prensa de la Universidad de Zaragoza, 2016.

⁴³ AGULHON, Maurice. ¿Es la sociabilidad um objeto histórico? In: AGULHON, Maurice. *Política, imágenes, sociabilidades: de 1789 a 1989*. Zaragoza: Prensa de la Universidad de Zaragoza, 2016; BARRETO, Rafael Chaves V.; CARVALHO, Angelita Alves de. Espaço urbano, redes de sociabilidade e políticas de saúde LGBTI+ sob o prisma da Pesquisa Nacional de Saúde – PNS 2019. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 158-177, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlegg/article/view/21260>. Acesso em: 13 abr. 2025.

⁴⁴ BARRETO, Rafael Chaves V.; CARVALHO, Angelita Alves de. Espaço urbano, redes de sociabilidade e políticas de saúde LGBTI+ sob o prisma da Pesquisa Nacional de Saúde – PNS

ao fato de que, dos 13.673 casos confirmados e prováveis de Mpox até fevereiro de 2025⁴⁵, São Paulo mantinha a liderança, com 5.389 casos⁴⁶.

O primeiro caso de Mpox no Brasil foi registrado em um homem, na cidade de São Paulo, em junho de 2022. A partir do primeiro caso, instalou-se um cenário dúbio: enquanto a imprensa noticiava o tema intensamente, ativistas do movimento LGBTQIAPN+, já a par dos casos que vinham ocorrendo na Europa e América do Norte, iniciaram um processo de pressão sobre as autoridades, exigindo informações sobre a doença, cuidados e possíveis vacinas. Contudo, as autoridades de saúde pública, em vários níveis (municipais, estaduais e federais), eram constantemente apontadas como inertes ao problema⁴⁷.

O pico de casos ocorreu entre os meses de julho e agosto de 2022⁴⁸. Logo após os primeiros casos, e com o histórico da associação entre a Mpox e homossexuais, a sociabilidade e o cotidiano, sobretudo sexual, de gays, bissexuais e homens com práticas homoeróticas, sentiram os primeiros efeitos.

Ainda em maio de 2022, quando o Brasil ainda não registrava casos, o fechamento de uma sauna tomou os noticiários relacionados ao surto no

2019. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 158-177, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlegg/article/view/21260>. Acesso em: 13 abr. 2025.

⁴⁵ BRASIL. Centro de Operações de Emergências (COE) – Informe Semanal Mpox. Edição nº 17 | SE 01/2024 a 05/2025. [S. I.]: COE, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svsa/coes/mpox/informes/informe-semanal-no-17-mpox-se-01-2024-a-05-2025-4-de-fevereiro-de-2025>. Acesso em: 12 abr. 2025.

⁴⁶ BRASIL. Centro de Operações de Emergências (COE) – Informe Semanal Mpox. Edição nº 17 | SE 01/2024 a 05/2025. [S. I.]: COE, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svsa/coes/mpox/informes/informe-semanal-no-17-mpox-se-01-2024-a-05-2025-4-de-fevereiro-de-2025>. Acesso em: 12 abr. 2025.

⁴⁷ O Governo do Estado de São Paulo anunciou um plano para a Mpox apenas dois meses depois do primeiro caso confirmado. Ver: SCHEFFER, Mário. Inércia de governos e homofobia pioram o surto de varíola dos macacos. *Estadão*, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/politica-e-saude/inerzia-do-governo-e-homofobia-pioram-o-surto-de-variola-dos-macacos/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

⁴⁸ BRASIL. Centro de Operações de Emergências (COE) – Informe Semanal Mpox. Edição nº 17 | SE 01/2024 a 05/2025. [S. I.]: COE, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svsa/coes/mpox/informes/informe-semanal-no-17-mpox-se-01-2024-a-05-2025-4-de-fevereiro-de-2025>. Acesso em: 12 abr. 2025.

Brasil. Embora muitas manchetes se referissem ao local apenas como “sauna”⁴⁹, outros jornais a adjetivavam com “Sauna Gay”⁵⁰ ou “Sauna LGBT”⁵¹ e apresentavam o local como sendo foco de novos casos registrados na Espanha.

O fechamento de um estabelecimento voltado para o público gay, ainda que na Espanha, mas divulgado no Brasil, causou alerta entre os membros da comunidade LGBTQIAPN+⁵², que, além dos discursos associativos com a doença, viam agora espaços de sociabilidade serem interditados e tidos como lócus da doença, podendo inspirar ações semelhantes. Fato que viria a ocorrer.

No início de agosto de 2022, um vereador de um partido de direita da cidade de Sorocaba, interior de São Paulo, apresentou um requerimento ao Poder Executivo pedindo que a 15ª Parada LGBT da cidade fosse cancelada como uma medida preventiva à Mpox, utilizando dados de casos entre homossexuais e bissexuais para embasar o requerimento⁵³. A parada estava marcada para o dia 28 de agosto de 2022.

⁴⁹ SAUNA é interditada em Madri por suspeita de varíola dos macacos; Espanha registra 30 infecções. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/05/21/sauna-e-interditada-em-madri-por-suspeita-de-variola-dos-macacos-espanha-registra-30-infeccoes.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

⁵⁰ COSTA, Cristyan. Varíola dos macacos: Madri interdita sauna gay por suspeitas de casos. Revista Oeste, 2022. Disponível em: <https://revistaoeste.com/mundo/variola-dos-macacos-madri-interdita-sauna-gay-por-suspeita-de-casos/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

⁵¹ SAUNA é interditada em Madri por suspeita de varíola dos macacos; Espanha registra 30 infecções. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/05/21/sauna-e-interditada-em-madri-por-suspeita-de-variola-dos-macacos-espanha-registra-30-infeccoes.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

⁵² CRUZ, Fernanda. Varíola dos macacos: entidades criticam estigma a homossexuais. Agência Brasil, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-08/variola-dos-macacos-entidades-criticam-estigma-homossexuais>. Acesso em: 14 abr. 2025; LUCCA, Bruno. População LGBTQIA+ vê risco de estigma com surto de varíola dos macacos. Folha de S.Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/08/populacao-lgbtqia-ve-risco-de-estigma-com-surto-de-variola-dos-macacos.shtml>. Acesso em: 30 set. 2025.

⁵³ VEREADOR de Sorocaba pede suspensão da parada LGBT e alega prevenção ao surto de varíola dos macacos. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2022/08/03/vereador-de-sorocaba-pede-suspensao-da-parada-lgbt-e-alega-prevencao-ao-surto-de-variola-dos-macacos.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

Nesse ponto, a sociabilidade de eventos LGBTQIAPN+ se viu atacada, numa atitude que associou a comunidade LGBTQIAPN+ à doença e fomentou motivações para o cerceamento da sociabilidade da comunidade LGBTQIAPN+. Os organizadores do evento e ativistas apontaram que a busca pelo cancelamento se baseava em uma postura homofóbica, uma vez que outros eventos não LGBTQIAPN+ não se tornaram alvos da atenção da saúde pública.

Entre agosto (pico do surto de Mpox) e setembro de 2022, a imprensa publicava relatos de homens gays e bissexuais que haviam mudado de hábitos em decorrência da doença⁵⁴. A redução de práticas sexuais, a decisão de não ir a determinados locais, como baladas e festas, a redução de clientes em bares e o medo das “feridas” aparecem nos relatos. A possibilidade de ficar marcado — tanto no sentido literal, da pele, quanto no social, de ser reconhecido como um ex-infectado — aparece nas falas dos depoentes.

Frente a essa exposição, temos a dimensão de que a forma como se comunica a doença pode ser um gerador de estigmas. A comunicação, ao associar a transmissão às marcas e estabelecer uma conexão com uma sexualidade específica, torna-se capaz de impactar não somente as pessoas de modo individual e subjetivo, como o medo ou decisões individuais, mas também abre brechas para que forças e posições contrárias à comunidade LGBTQIAPN+ se utilizem disso para cercear e combater a sociabilidade desses indivíduos.

⁵⁴ FILHO, Eduardo F. 'Parei de ir a festas, limitei novos parceiros', diz psicólogo que mudou o comportamento por medo da varíola. *O Globo*, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2022/09/variola-dos-macacos-homens-comecam-a-mudar-o-comportamento-sexual-no-brasil-por-causa-da-infeccao-entenda.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2025; KER, João. Varíola dos macacos traz medo, preconceito e já faz gays e bissexuais mudarem hábitos. *Estadão*, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/variola-dos-macacos-traz-medo-preconceito-e-ja-faz-gays-e-bissexuais-mudarem-habitos/>. Acesso em: 30 set. 2025.

No sentido coletivo, houve também impactos nas sociabilidades e nos comportamentos sexuais. As festas de sexo e baladas que existem na cidade de São Paulo também se viram impactadas, sendo que três delas — a festa Dando, a festa Kevin e a festa Brutus — cancelaram seus eventos. A festa Dando, em publicação nas redes sociais, cancelou o evento marcado para o início de agosto de 2022. A festa Kevin também não realizou sua edição de agosto. Já a Brutus anunciou que sua festa de agosto seguiria um protocolo de redução de danos, mantendo o *Darkroom*⁵⁵ fechado, e posteriormente suspendeu a festa de setembro.

Diante do exposto neste tópico, é possível observar que os espaços de sociabilidade homossexual e homoerótica, assim como esses sujeitos, se viram afetados de diversas formas pela doença. As categorias do estigma, da sexualidade, da transmissão e da atuação da imprensa e da mídia se fizeram presentes nos diversos impactos e desdobramentos que a Mpox causou na sociabilidade homossexual e homoerótica. Na próxima parte do artigo, buscamos demonstrar como, a partir do que denominamos de conhecimentos historicamente acumulados, a comunidade LGBTQIAPN+ e os sujeitos com práticas homoeróticas reagiram e manejaram tais impactos, assim como buscaram combater os estigmas e preconceitos da doença, bem como a doença em si.

Conhecimentos historicamente acumulados: uma ferramenta de resistência

Frente ao exposto até o momento, iniciamos esta seção com o seguinte questionamento: como a população LGBTQIAPN+ e homens com práticas homoeróticas reagiram frente ao estigma, ao preconceito, à doença e aos impactos nas sociabilidades?

⁵⁵ A palavra *Darkroom*, em inglês, pode ser traduzida como “quarto escuro”. Trata-se, geralmente, de locais escuros, localizados em baladas, bares, saunas ou festas de sexo, em que a falta de iluminação e o ambiente reservado permitem interações sexuais mais intensas.

Para responder a essa colocação, recorro à ideia de conhecimentos historicamente acumulados. A população LGBTQIAPN+, que desde meados da década de 1970 vem se mobilizando e inserindo-se no debate político com mais força, constituiu, como movimento, durante as décadas de 1980 e 1990, um rol de conhecimentos que buscavam, de maneira geral, fazer frente a dois pontos. O primeiro era a luta para que a homossexualidade passasse a ser vista de maneira mais positiva, fosse desconsiderada como doença e tivesse garantidos direitos civis, políticos e sociais. O segundo ponto tratava da luta contra a Aids, por meio de ONGs e grupos, o movimento se inseriu em debates públicos, médicos, sociais e políticos.

Na luta contra a Aids, os ativistas buscaram garantir dignidade aos doentes, acesso aos medicamentos e o fim de preconceitos e discriminações, assim como maior atenção da saúde pública a essa população⁵⁶. Entretanto, dois pontos precisam ser mencionados.

Em primeiro lugar, coloca-se como debate que o impacto inicial da epidemia de Aids desmobilizou as ações dos movimentos de afirmação homossexual⁵⁷. Frente a essa colocação, é possível mencionar que, para alguns autores⁵⁸, essa mobilização não foi uma ruptura, pois o movimento homossexual, em grande parte, passou a se envolver com a luta contra a Aids, embora isso não se tenha dado de maneira automática. O segundo ponto é o fato de que, entre os casos iniciais, as mobilizações em torno da doença e as vitórias das ONGs e dos ativistas não constituem uma história linear e progressista, e sim uma história que transborda tensões, embates, rusgas e

⁵⁶ CUETO, Marcos; LOPES, Gabriel. *Uma história global e brasileira da Aids 1986-2021*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2023.

⁵⁷ FACCHINI, Regina. Histórico da luta LGBT no Brasil. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO (org.). *Psicologia e diversidade sexual*. São Paulo: CRPSP, 2011, p. 10-19.

⁵⁸ CAETANO, Marcio; NASCIMENTO, Claudio, RODRIGUES, Alessandro. Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT. In: GREEN, James N. et al. *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 279-295; VITIELLO, Gabriel Natal B. A AIDS em cena: os primeiros protagonistas da maior epidemia no final do século XX. 2009. 108 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.

problemas, mas que, no balanço geral, carrega um saldo positivo de conquistas de direitos e visibilidade⁵⁹.

Com base nesse histórico de atuação, que incluiu diversas frentes, como pesquisas para o desenvolvimento de campanhas de prevenção específicas para a população LGBTQIAPN+, que visavam produzir materiais que considerasse atenção especial à linguagem, as práticas sexuais desses sujeitos e a exposição de diversos métodos de prevenção, para que houvesse a possibilidade de adequação frente a realidade de cada sujeito. Sobre à imprensa e às mídias, houve atenção na forma como se falava e se representava a doença e os doentes. Neste período, houve uma aproximação inédita entre as ONGs e ativistas com as diversas esferas governamentais, o que gerou nos ativistas um aprendizado de como lidar com o governo, ministérios, secretarias e a burocracia estatal, tendo também ocorrido um desenvolvimento de produções culturais voltadas para a valorização da vida e da memória das vítimas da Aids.

Tendo em consideração tais pontos, o que aqui chamo de conhecimentos historicamente acumulados trata-se de um corpo diverso de conhecimentos práticos e teóricos, que se desenvolveram com base em uma historicidade e se acumulou na memória, na história e na experiência do movimento e da população LGBTQIAPN+.

Com o início do surto da Mpox e com os estigmas e preconceitos acionados com ele, como demonstrado nas seções anterior, houve, por parte da comunidade LGBTQIAPN+, médicos, ativistas, pesquisadores, instituições, ONGS e aliados do movimento LGBTQIAPN+, uma atenção sobre como o surto foi apresentado, comunicado e desenvolvido na sociedade. Aponto que parte dessa atenção e das respostas mobilizadas por esses sujeitos advém dos conhecimentos historicamente acumulados, que se apresenta como uma

⁵⁹ CUETO, Marcos; LOPES, Gabriel. *Uma história global e brasileira da Aids 1986-2021*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2023.

ferramenta conceitual e prática, que instrumentalizou esses sujeitos a fazer frente e promover respostas, inclusive dentro da própria comunidade.

Com os primeiros casos e as notícias que deles se desenvolveram, ativistas, pesquisadores e instituições logo se prontificaram em chamar a atenção para a linguagem e os discursos⁶⁰. Esses sujeitos logo apontaram a semelhança dos anos iniciais da Aids com a fala (já mencionada) do diretor-geral da OMS, como mencionou a pesquisadora da Fiocruz, Dilene Nascimento:

Quando o diretor da OMS [Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom] falou sobre isso, fiquei impactada. Vamos voltar à era da Aids? Ele falou que uma forma de se proteger da monkeypox seria que homens que fazem sexo com homens reduzissem o número de parceiros, o que pode fazer as pessoas suporem que apenas homossexuais masculinos podem ter e transmitir monkeypox. A transmissão se dá por contato com lesões de pele ou com secreções [de indivíduos com a doença], então qualquer pessoa pode ser infectada. Novamente corremos o risco de entrar num processo em que entramos em relação à Aids⁶¹.

A UNAIDS publicou um comunicado à imprensa, no qual menciona o fato de que:

O UNAIDS expressou preocupação sobre algumas reportagens e comentários públicos relacionados ao surto de varíola dos macacos, que têm usado linguagem e imagens, particularmente de pessoas da comunidade LGBTQIA+ e de pessoas provenientes do continente africano, que reforçam estereótipos homofóbicos e racistas e acentuam o estigma. As lições da resposta à pandemia de AIDS mostram que o estigma e a culpabilização dirigidos a certos grupos de pessoas podem rapidamente minar a resposta a surtos⁶².

Outro ponto em que os conhecimentos historicamente acumulados se fizeram visível foi no fato de que ONGs e ativistas se mobilizaram a fim de

⁶⁰ 'CORREMOS o risco de repetir com a monkeypox o estigma da Aids', alerta historiadora. Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://fiocruz.br/noticia/2022/08/corremos-o-risco-de-repetir-com-monkeypox-o-estigma-da-aids-alerta-historiadora>. Acesso em: 10 abr. 2025.

⁶¹ 'CORREMOS o risco de repetir com a monkeypox o estigma da Aids', alerta historiadora. Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://fiocruz.br/noticia/2022/08/corremos-o-risco-de-repetir-com-monkeypox-o-estigma-da-aids-alerta-historiadora>. Acesso em: 10 abr. 2025.

⁶² UNAIDS alerta sobre linguagem estigmatizante relacionada à Mpxo. UNAIDS, 2022. Disponível em: https://unaids.org.br/2022/05/comunicado-a-imprensa_variola_dos_macacos/. Acesso em: 10 abr. 2025.

combater e buscar a responsabilização de autoridades que agissem de forma homofóbica, estigmatizante ou preconceituosa.

No mês de julho de 2022, um médico foi afastado de suas funções pela Secretaria de Saúde de Santo André, em São Paulo, quando um paciente relatou que, ao procurar um atendimento médico por suspeita de Mpox, foi hostilizado e tratado com diferenciação pelo médico⁶³. Após o relato do caso, a Secretaria de Saúde afastou o médico e lamentou o ocorrido.

Em agosto de 2022, quando o vereador propôs que a Parada LGBT de Sorocaba não ocorresse, houve não apenas a mobilização dos organizadores do evento⁶⁴, mas também a instauração de um inquérito pela Polícia Civil, que apontou que a atitude do vereador poderia ser caracterizada como crime de homofobia⁶⁵.

Ainda em agosto de 2022, vereadoras de São Paulo acionaram o Ministério Público Federal, acusando o então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, de ter cometido crime de homofobia durante uma entrevista a um podcast, no qual teria associado a Mpox e sua vacinação à homossexualidade⁶⁶.

Essas ocorrências demonstram que a atenção à linguagem e o combate ao preconceito se constituem como ferramentas que os sujeitos

⁶³ FARIAS, Carolina. Médico é afastado por suspeita de homofobia contra paciente com varíola dos macacos. CNN, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saudade/medico-e-afastado-por-suspeita-de-homofobia-contra-paciente-com-variola-dos-macacos/>. Acesso em: 30 set. 2025.

⁶⁴ VEREADOR de Sorocaba pede suspensão da parada LGBT e alega prevenção ao surto de varíola dos macacos. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2022/08/03/vereador-de-sorocaba-pede-suspensao-da-parada-lgbt-e-alega-prevencao-ao-surto-de-variola-dos-macacos.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

⁶⁵G1. Inquérito investiga pedido de vereador para suspender parada LGBT como ‘prevenção à varíola dos macacos’, Sorocaba e Jundiaí, 05/10/2022.

⁶⁶SANTOS, Natália. Bolsonaro é alvo de ação de vereadoras por frases homofóbicas sobre varíola dos macacos no Flow. Estadão, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-frases-homofobicas-variola-macacos-flow-podcast/>. Acesso em: 1 out. 2025.

utilizam para fazer frente aos estigmas e à homofobia, mostrando que determinadas atitudes e falas não mais ecoam de modo livre e irrestrito.

Contudo, creio ser possível ver o desenvolvimento da atuação dos conhecimentos historicamente acumulados no modo em que os LGBTQIAPN+ se utilizaram dessa ferramenta para lidar com a Mpox e a sociabilidade.

Em agosto de 2022, durante o pico da Mpox, a Coordenadoria de IST/Aids da Secretaria de Saúde Municipal de São Paulo realizou uma reunião com produtores de festas e donos de saunas, bares e locais voltados ao sexo, na qual, em conjunto, buscaram elaborar um plano para lidar com o surto⁶⁷. Embora com um atraso considerável, ao chamar tais sujeitos para uma ação participativa, é possível observar que a dimensão do diálogo se faz presente.

Quando consideramos os locais de sociabilidade homossexuais, como as saunas e festas de sexo, é possível ver por parte delas uma atuação que buscava fornecer informações e agir com mais atenção à linguagem. Nas redes sociais de tais festas, foram divulgadas informações sobre as formas contágio e a responsabilidade das festas e dos sujeitos frente aos apelos dos órgãos de saúde pública, mas enfatizando fortemente que a culpa e o estigma deveriam ser combatidos. A festa Dando, em postagem na sua página do Instagram, apontou que:

Informaremos nessa publicação alguns sintomas para que fique atento, mas antes de tudo vale lembrar que a ida a uma festa neste momento deve ser feita através de sua autoanálise de risco, assim sendo não há CULPAS nem CULPADOS pois estamos falando de CORRESPONSABILIDADE. Logo, seja gentil consigo mesmo, com as pessoas ao seu redor e com o ambiente que frequentou!⁶⁸.

⁶⁷ FILHO, Eduardo F. 'Parei de ir a festas, limitei novos parceiros', diz psicólogo que mudou o comportamento por medo da varíola. *O Globo*, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2022/09/variola-dos-macacos-homens-comecam-a-mudar-o-comportamento-sexual-no-brasil-por-causa-da-infeccao-entenda.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2025; KER, João. Varíola dos macacos traz medo, preconceito e já faz gays e bissexuais mudarem hábitos. *Estadão*, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/variola-dos-macacos-traz-medo-preconceito-e-ja-faz-gays-e-bissexuais-mudarem-habitos/>. Acesso em: 30 set. 2025.

⁶⁸ Festa Dando. Saúde – Varíola. 18 ago. 2022 Instagram: @festadando. Disponível em: <https://www.instagram.com/festadando?igsh=a3YzcmV2bmowY3Bj>. Acesso em: 04 out. 2025.

Em outra postagem, no dia 11 de agosto de 2022, a festa Dando menciona a importância da informação, colocando que a informação não deve circular de maneira endereçada, mas sim de modo amplo entre diversos setores da sociedade:

A informação é a forma mais eficaz, é necessário criar uma conscientização geral, para que racionalmente o indivíduo possa decidir e fazer sua própria análise de risco, isso independente de gênero, todas estão sujeitas. Não é uma IST e tem uma letalidade baixa, seu maior contato está associado ao contato íntimo prolongado, mas assim também pegamos gripe. Se atente ao seu corpo, esteja em contato com seus parceiros, os sintomas irão gerar o diagnóstico que irá gerar o isolamento que irá gerar a contenção. Este não é o momento de discutirmos culpa, cancelar as festas que não estão sendo canceladas e sim assumirmos a responsabilidade de conscientizar toda a população, não só nos clubes mas também nas escolas, igrejas, líderes comunitários e até mesmo alguns profissionais da saúde⁶⁹.

As redes sociais, utilizadas para a divulgação dos seus eventos, foram, nesses momentos, usadas como forma de veiculação de assuntos de saúde pública e, com base em seu alcance e linguagem, como forma de conscientização da doença e seus sintomas.

É importante destacar que médicos LGBTQIAPN+ também utilizaram suas redes sociais e canais para informar e conscientizar sobre a Mpox. Como exemplo, citamos o médico infectologista Vinicius Borges, que utiliza nas redes sociais o nome de “Doutor Maravilha”. Em sua página no Instagram, havia postagens sobre sintomas, cuidados e denúncias sobre a falta de medicamentos, vacinas e a inércia do Ministério da Saúde e autoridades frente ao alto número de casos confirmado no país. Em postagem de outubro de 2022, ele alertava sobre a redução de casos, mas enfatizava que a doença não estava sob controle:

A situação está controlada: não! Temos 8.200 casos confirmados e 4.500 casos suspeitos. E ainda não temos vacina. Nem uma dose sequer. Nem remédio: se você tem uma forma grave, precisa contar

⁶⁹ Festa Dando. Negligenciar informação é um ato irresponsável. 11 ago. 2022. Instagram: @festadando. Disponível em: <https://www.instagram.com/festadando?igsh=a3YzcmV2bmowY3Bj>. Acesso em: 04 out. 2025.

com a sorte. Mas nitidamente desde setembro vemos uma diminuição dos casos novos, e como não houve vacina, o responsável por isso PROVAVELMENTE foi: a gente. A nossa comunidade. Principalmente homens gays e bissexuais que além do estigma nos serviços de saúde, tiveram que se mobilizar e conscientizar seus pares. O importante agora é não acomodar. Ainda não dá para relaxar. Eu recomendo retomar a vida sexual como antes só depois de receber pelo menos uma dose da vacina contra monkeypox e aguardar 2 semanas pra agir⁷⁰.

Nessa postagem, podemos ver que a mobilização e a conscientização da própria comunidade são mencionadas como uma prática que gerou resultados efetivos: a queda de novos casos. A presença de profissionais da saúde da comunidade LGBTQIAPN+ se mostrou um fator essencial dentro da divulgação de informações sobre a doença e um importante ponto de apoio, atuando como facilitador da comunicação e no acolhimento de indivíduos doentes e com suspeitas de infecção, criando, em alguns casos, um ambiente seguro e sem preconceitos.

A festa Kevin também utilizou suas redes sociais para comunicar sobre a Mpox. A postagem menciona que a festa tem, desde seu início, em 2015, um infectologista que acompanha e fornece assistência aos eventos. Na sequência, a Mpox é apresentada e o texto finaliza com uma recomendação:

se você teve febre com dor de garganta/cabeça, gânglios aumentados e dolorosos, e qualquer lesão estranha na pele, seja no corpo ou nos genitais, melhor procurar atendimento do que se jogar na noite. Pois pode ser monkeypox. [...] Em casos de suspeita, o Hospital Emílio Ribas tem testagem gratuita em forma de PCR - nem toda dor de garganta hoje em dia, por exemplo, pode ser Covid, estamos entendidos? Vamos nos cuidar hoje e sempre!⁷¹.

Outro local de sociabilidade que também se mobilizou foi a sauna e hotel Chilli, localizada na região central de São Paulo. Em suas redes sociais, a sauna esclareceu o que era a Mpox e quais eram os sintomas e formas de

⁷⁰ Borges, Vinícius. O número de casos no Brasil vem caindo. São Paulo, 06, out. 2022. Instagram: @doutormaravilha. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CjZCs1uLA9q/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 04 out. 2025.

⁷¹ Projeto Kevin. Monkeypox, 15 jul. 2022. Instagram: @projetokevin. Disponível em: <https://www.instagram.com/projetokevin/?igsh=Mjhwc3B3MHIIYTdm>. Acesso em: 04 out. 2025.

contágio, bem como apresentou informações sobre a vacinação. Além disso, a sauna Chilli veiculou, em suas televisões que se encontram espalhadas pelo local, informações e estudos sobre a Mpox.

As atitudes e posturas desses estabelecimentos mostram como o que denominamos de conhecimentos historicamente acumulados foi acionado e utilizado por uma rede de sociabilidade que envolve desde sujeitos individuais até empresas e serviços de saúde. A festa Dando tem, em sua página do Instagram, postagens sobre HIV e Aids, testagem e uso de PrEP⁷². A Sauna Chilli tem em seu estabelecimento a distribuição gratuita de autotestes de HIV, além de realizar programas de testagem periódica.

Em 2024, o Bar Dédalos, outro ponto de sociabilidade homossexual, também localizado na região central de São Paulo, recebeu da Prefeitura de São Paulo o prêmio de Empresa Positiva, como reconhecimento na sua atuação na prevenção e mobilização contra estigmas e preconceitos. Aplicativos de encontros e de sexo, como o Grindr, disponibilizaram em seu aplicativo links que, de acordo com o país do usuário, levavam a informações sobre a Mpox e onde encontrar auxílio em caso de suspeita. No Brasil, o aplicativo indicava o site do Ministério da Saúde e da Organização Pan-America da Saúde (Opas) como referências para esclarecimentos sobre a Mpox.

Todas essas ações, realizadas por diferentes sujeitos, instituições e até estabelecimentos e aplicativos, constituem aquilo que chamamos aqui de conhecimentos historicamente acumulados. Esse conjunto de conhecimentos se mostra especialmente relevante no caso das sociabilidades homossexuais. Os espaços e sujeitos não negam a realidade da doença nem buscam amenizá-la, mas alertam que a sua divulgação e conscientização precisam ser realizadas de maneira adequada. A comunidade prejudicada naquele momento deve ser chamada a participar ativamente das políticas de saúde,

⁷² PrEP é a sigla para Profilaxia Pré-Exposição, medicamento utilizado no combate ao HIV.

o respeito e a dignidade devem prevalecer nas abordagens, pesquisas e atuações públicas, e identidades devem ser respeitas, assim como a atenção à linguagem e aos símbolos evocados ao se falar de doenças, sobretudo aquelas com potencial de se tornarem estigmas sociais⁷³.

Considerações finais

Com base no exposto, apresentamos que o conceito de conhecimentos historicamente acumulados se constitui como uma ferramenta teórica e prática que, com base em experiências passadas e referenciada na memória coletiva da população LGBTQIAPN+, torna possível conduzir emergências de saúde pública de modo a evitar que a sociedade produza preconceitos, medos e estigmas contra grupos que, em muitos casos, já são vulnerabilizados.

A atuação conjunta de sujeitos, a fim de manter suas sociabilidades e buscar um equilíbrio entre saúde e sexo, demonstra que incorporar seus conhecimentos na elaboração de políticas públicas se mostra um potente aliado no controle de surtos e no desenvolvimento de estratégias futuras de saúde.

Outro elemento que o artigo buscou demonstrar é o fato de que discursos e falas sobre doenças e surtos, sobretudo quando sua predominância se dá em grupos específicos, devem ser feitos com cautela, buscando nas referências das humanidades entendimentos da motivação de tal dado. Se a alta prevalência de Mpox entre homens com práticas homoeróticas não pode ser explicada em modelos médicos ou epidemiológicos, ela possivelmente tem uma explicação social. No caso da Mpox, conhecer a sociabilidade homossexual, suas práticas, territórios e redes

⁷³ PINHEIRO, Douglas Antônio R.; BAHIA, Alexandre Gustavo M. F. M. As recomendações em saúde pública como migrações: Varíola dos Macacos e populações LGBTQIA+. *Cad. Saúde Pública*, [s. l.], v. 39, n. 10, p. e00020623, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/MGDvhVxpJQgWGwdsD6BcbYH/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2025.

de interação pode explicar os dados ou, ao menos, ajudar a entendê-los longe das referências do estigma e da patologização das sexualidades dissidentes.

Por fim, os conhecimentos historicamente acumulados e a presença de uma forte memória social, tributária da experiência da Aids, mostram-se um importante aliado na luta contra preconceitos e na busca pela prevalência da dignidade e respeito à comunidade LGBTQIAPN+.

Referências

AGULHON, Maurice. ¿Es la sociabilidad um objeto histórico? In: AGULHON, Maurice. *Política, imágenes, sociabilidades: de 1789 a 1989*. Zaragoza: Prensa de la Universidad de Zaragoza, 2016, p. 103 – 118.

AMORIM, Graziela Regina de. Temer não humilha tanto como ser temido: controle e perseguição a “Gangue da AIDS”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. Anais [...]. São Leopoldo: [s. n.], 2007, p. 1-8.

BARATA, Germana Fernandes. A primeira década da Aids no Brasil: o Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992). 2006. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARRETO, Rafael Chaves V.; CARVALHO, Angelita Alves de. Espaço urbano, redes de sociabilidade e políticas de saúde LGBTI+ sob o prisma da Pesquisa Nacional de Saúde – PNS 2019. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 158-177, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/21260>. Acesso em: 13 abr. 2025.

BORGES, Vinícius. O número de casos no Brasil vem caindo. São Paulo, 06, out. 2022. Instagram: @doutormaravilha. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CjZCs1uLA9q/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 04 out. 2025.

BORTOLOZZI, Remom Matheus. *Entre trapos e colchas: vestígios da memória LGBTQIAPN+ sobre as primeiras respostas paulistanas à epidemia de HIV/Aids*. 2021. 362 f. Tese (Doutorado em Ciências). Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

BRASIL. Centro de Operações de Emergências (COE) – Informe Semanal Mpox. Edição nº 17 | SE 01/2024 a 05/2025. [S. l.]: COE, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude-ptbr/composicao/svs/coes/mpox/informes/informe-semanal-no-17-mpox-se-01-2024-a-05-2025-4-de-fevereiro-de-2025>. Acesso em: 12 abr. 2025.

CAETANO, Marcio; NASCIMENTO, Claudio, RODRIGUES, Alessandro. Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT. In: GREEN, James N. et al. *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 279-295.

CALAZANS, Gabriela; FACCHINI, Regina, "Mas a categoria de exposição também tem que respeitar a identidade": HSH, classificações e disputas na política de Aids. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(10):3913-3922, 2022.

'CORREMOS o risco de repetir com a monkeypox o estigma da Aids', alerta historiadora. Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://fiocruz.br/noticia/2022/08/corremos-o-risco-de-repetir-com-monkeypox-o-estigma-da-aids-alerta-historiadora>. Acesso em: 10 abr. 2025.

COSTA, Cristyan. Varíola dos macacos: Madri interdita sauna gay por suspeitas de casos. Revista Oeste, 2022. Disponível em: <https://revistaoeste.com/mundo/variola-dos-macacos-madri-interdita-sauna-gay-por-suspeita-de-casos/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

CRUZ, Fernanda. Varíola dos macacos: entidades criticam estigma a homossexuais. Agência Brasil, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-08/variola-dos-macacos-entidades-criticam-estigma-homossexuais>. Acesso em: 14 abr. 2025.

CUETO, Marcos; LOPES, Gabriel. *Uma história global e brasileira da Aids 1986-2021*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2023.

CUNHA, Letícia de Queiroz. et al. Prevalência da via de transmissão sexual na doença Varíola dos Macacos. *Research, Society and Development*, [s. l.], v. 12, n. 4, p. 1-10, 2023. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/40993/33633/440206>. Acesso em: 9 abr. 2025.

DANIEL, Herbert. O primeiro AZT a gente nunca esquece. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. *Aids, a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Abia, 2018, p. 139-143.

DANIEL, Herbert. *Vida antes da morte*. 3. ed. Rio de Janeiro: Abia, 2018.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. *Aids, a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Abia, 2018.

FACCHINI, Regina. Histórico da luta LGBT no Brasil. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO (org.). *Psicologia e diversidade sexual*. São Paulo: CRPSP, 2011, p. 10-19.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cad. AEL*, [s. l.], v.10, n. 18/19, p. 81-125, 2003.

FARIAS, Carolina. Médico é afastado por suspeita de homofobia contra paciente com varíola dos macacos. CNN, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/medico-e-afastado-por-suspeita-de-homofobia-contra-paciente-com-variola-dos-macacos/>. Acesso em: 30 set. 2025.

Festa Dando. Saúde – Varíola. 18 ago. 2022 Instagram: @festadando. Disponível em: <https://www.instagram.com/festadando?igsh=a3YzcmV2bmowY3Bj>. Acesso em: 04 out. 2025.

Festa Dando. Negligenciar informação é um ato irresponsável. 11 ago. 2022. Instagram: @festadando. Disponível em: <https://www.instagram.com/festadando?igsh=a3YzcmV2bmowY3Bj>. Acesso em: 04 out. 2025.

FILHO, Eduardo F. 'Parei de ir a festas, limitei novos parceiros', diz psicólogo que mudou o comportamento por medo da varíola. O Globo, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2022/09/variola-dos-macacos-homens-comecam-a-mudar-o-comportamento-sexual-no-brasil-por-causa-da-infeccao-entenda.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2025.

KER, João. Varíola dos macacos traz medo, preconceito e já faz gays e bissexuais mudarem hábitos. Estadão, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/variola-dos-macacos-traz-medo-preconceito-e-ja-faz-gays-e-bissexuais-mudarem-habitos/>. Acesso em: 30 set. 2025.

KREUTZ, Luiz Carlos; REZENDE, Mariana Antunes; MATÉ, Yasmin Ampese. Varíola dos macacos (*Monkeypox virus - Poxviridae*): uma breve revisão. ARS VETERINARIA, Jaboticabal, v. 38, n. 3, p. 111-115, 2022. Disponível em: <https://www.arsveterinaria.org.br/index.php/ars/article/view/1477>. Acesso em abr. 2025.

LOPES, Pablo de Oliveira. HIV e AIDS, passado e presente: os gays como representação social da doença. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 50122-50134, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/30028/23651>. Acesso em: 1 out. 2025.

LUCCA, Bruno. População LGBTQIA+ vê risco de estigma com surto de varíola dos macacos. *Folha de S.Paulo*, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/08/populacao-lgbtqia-ve-risco-de-estigma-com-surto-de-variola-dos-macacos.shtml>. Acesso em: 30 set. 2025.

NASCIMENTO, Dilene R. As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

NASCIMENTO, Dilene R. Uma análise comparada no campo de história das doenças. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais [...]. Londrina: [s. n.], 2005.

NASCIMENTO, Dilene R.; GOUVÊA, George. O signo da culpa na história das doenças. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH-RJ, 12., 2006, Niterói. Anais [...]. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006 p. 1-7. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/encontros-regionais/encontros-anpuh-rio/xii-encontro-regional-de-historia-2006>. Acesso em: 28 mar. 2025.

PEREIRA, Victória Santos M. et al. Varíola dos macacos: uma visão geral da doença reemergente no contexto atual. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 8, n. 10, p. 68071-68081, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/53256/39601>. Acesso em: 11 abr. 2025.

PINHEIRO, Douglas Antônio R.; BAHIA, Alexandre Gustavo M. F. M. As recomendações em saúde pública como migrações: Varíola dos Macacos e populações LGBTQIA+. *Cad. Saúde Pública*, [s. l.], v. 39, n. 10, p. e00020623, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/MGDvhVxpJQgWGwdsD6BcbYH/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2025.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho; VIEIRA FILHO, Maurício João. Da aids à mpox: sentidos sobre homossexualidade em processos simbólicos estigmatizantes. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, v. 17, n. 2, p. 57-72, 2022. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/539>. Acesso em: 13 abr. 2025.

Projeto Kevin. Monkeypox, 15 jul. 2022. Instagram: @projetokevin. Disponível em: <https://www.instagram.com/projetokevin?igsh=Mjhwc3B3MHIIYTdm>. Acesso em: 04 out. 2025.

QUINALHA, Renan. Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

ROCHA, Francisco. et al. Monkeypox e o retorno de um espetro: o campo da saúde em tempos sombrios. *Interface*, Botucatu, v. 26, p. e220417, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/fG8bQHxYYf7FSX5GXY8L5Hq/?format=pdf&language=pt>. Acesso em: 11 abr. 2025.

ROCHA, Lucas; MAGALHÃES, Thais. OMS aconselha redução de parceiros a gays e bissexuais como prevenção à varíola dos macacos. CNN, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/oms-aconselha-reducao-de-parceiros-a-gays-e-bisexuais-como-prevencao-a-variola-dos-macacos/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

SALES, Bruna. Cidade de São Paulo registra 35 novos casos de mpox em uma semana. Metrópoles, 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/sao-paulo-novos-casos-mpox-uma-semana>. Acesso em: 11 abr. 2025.

SANTOS, Gustavo Gomes C. Mobilizações homossexuais e estado no Brasil: São Paulo (1978-2004). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, [s. l.], v. 22 n. 63, p. 121-173, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/w4bbmvGkgVFVN6QCR6TMsBL/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SANTOS, Natália. Bolsonaro é alvo de ação de vereadoras por frases homofóbicas sobre varíola dos macacos no Flow. Estadão, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-frases-homofobicas-variola-macacos-flow-podcast/>. Acesso em: 1 out. 2025.

SÃO PAULO (Cidade). Boletim Mpox, 2025. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/documents/d/saude/boletim-mpox-17_04_25-pdf. Acesso em: 11 abr. 2025.

SAUNA é interditada em Madri por suspeita de varíola dos macacos; Espanha registra 30 infecções. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/05/21/sauna-e-interditada-em-madri-por-suspeita-de-variola-dos-macacos-espanha-registra-30-infecoes.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SCHEFFER, Mário. Inércia de governos e homofobia pioram o surto de varíola dos macacos. *Estadão*, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/politica-e-saude/inercia-do-governo-e-homofobia-pioram-o-surto-de-variola-dos-macacos/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

UNAIDS alerta sobre linguagem estigmatizante relacionada à Mpox. UNAIDS, 2022. Disponível em: https://unaids.org.br/2022/05/comunicado-a-imprensa_variola_dos_macacos/. Acesso em: 10 abr. 2025.

VEREADOR de Sorocaba pede suspensão da parada LGBT e alega prevenção ao surto de varíola dos macacos. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2022/08/03/vereador-de-sorocaba-pede-suspensao-da-parada-lgbt-e-alega-prevencao-ao-surto-de-variola-dos-macacos.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

VITIELLO, Gabriel Natal B. *A AIDS em cena: os primeiros protagonistas da maior epidemia no final do século XX*. 2009. 108 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.